

Samora Machel oferece material a quatro escultores

Dom.
13/4/86

por Mário Ferro (texto) e Daniel Maquinasse (fotos)

O Presidente Samora Machel ofereceu ontem equipamento de trabalho a quatro escultores moçambicanos, como forma de valorizar e dignificar a criatividade artística dos mesmos e a própria cultura nacional.

Trata-se de mestres da Escultura Maconde, que participaram na luta armada de libertação nacional. Nesse período, eles conceberam obras que simbolizam os muitos aspectos relacionados com

Os outros três artistas receberam tarefas distintas e foram afideados ao Ministério da Defesa. Um deles esteve ligado à preparação e treino de milícias populares. Durante este tempo os escultores não realizaram qualquer obra de escultura.

RETORNAR A ACTIVIDADE

O Presidente Samora Machel, que tem predilecta admiração pela

tes de receberem o equipamento de trabalho.

SÍMBOLOS DE UMA ARTE

Uma das ofertas é uma peça de três pontas de marfim trabalhadas, assentes numa base de pau-preto, com um elefante talhado neste tipo de madeira preciosa. Como explicou Gaspar Achulale, esta obra representa a riqueza do nosso País

mostra que a riqueza de Moçambique sempre existiu: o homem, a flora e a fauna.

A imagem de uma cobra aparece no trabalho. É porquê a cobra? Se a cobra, por um lado é um animal perigoso por outro lado ela possui certas substâncias que podem ser aplicadas no tratamento médico. Aí se faz a ligação entre o homem e a Natureza, de uma forma simples e lógica.

artistas foram votados praticamente ao abandono.

Samora Machel assinalaria que esta negligência pode ser considerada como um crime. Pessoas que, com as suas e culturas, fizeram despertar a atenção da comunidade internacional para a luta de libertação do Povo moçambicano, passaram a estar esquecidas.

O Chefe do Estado recordou algumas das obras da Escultura Maconde, feitas durante a luta armada. São obras que relatam o papel dos homens, das mulheres e das crianças para libertar a Pátria do colonialismo. São obras que relatam a ofensiva militar do general português Kaulza de Arriaga e da forma como o Povo moçambicano se defendeu e invenceu essa ofensiva contra o próprio exército colonial. São obras que falam da vida dos pescadores nas zonas libertadas.

Entre outras ofertas, está um pequeno busto em marfim. Chamase Massala. Fora do habitual, a obra reflecte a amizade entre Moçambique e a Tanzânia. Neste país, existe um grupo especial que são os Massalas.

Os artistas agradecerão a falta de papel em marfim e pequenos blocos e cilindros também em marfim. O leão é o símbolo do poder. Para a Sra. Graça Machel, eles ofereceram pulseiras de marfim.

TUDO É GENUÍNO

Samora Machel deu aos quatro artistas diverso material de trabalho, entre outros ferramentas, serrote, lixas, lixas, bocas, raspadeiras e lixas metálicas. Com este material, os artistas vão montar as suas oficinas de trabalho, pelo que os respectivos governos provinciais não ser instruídos para dispensar todo o apoio necessário à concretização da iniciativa.

O Chefe do Estado afirmou que, durante a luta armada, nunca houve a possibilidade de oferecer este tipo de equipamento aos artistas para valorizar as suas obras. Após a proclamação da independência, houve negligência e os

Tudo o que fizeram é genuíno. Não inventam nada. É a realidade que aparece nas suas obras. Foram homens explorados e oprimidos, homens que lutaram e libertaram a terra e ficaram livres. São a síntese da nossa História. disse o Presidente Samora Machel, que assinalou o facto de os artistas, artesãos, nunca terem tido contacto com técnicas modernas e de outros conteúdos.

Gaspar Achulale disse que, depois de discutirem o assunto, os quatro escultores decidiram regressar aos seus locais de residência, para montarem as respectivas oficinas de trabalho.

Segundo defendeu seria errado que todos eles regressassem a Cabo Delgado. Cada um, no seu local de residência, fortalece a unidade nacional e promove a disseminação da Escultura Maconde por todo o País entre as novas gerações de moçambicanos.



O Chefe do Estado aprecia um quadro do pintor Lilanga feito em 1980, que ontem lhe foi entregue pelos quatro pintores que se vêem na imagem logo a seguir: Gaspar Achulale, Tomé Macidane, Casimiro Moilanga e Hilário Massasse (da esquerda para a direita). Na imagem vê-se ainda parte do equipamento oferecido

o processo que conduziu à derrota do colonialismo e à proclamação da independência.

Muitas dessas obras ornamentam hoje gabinetes e residências de conhecida individualidade de renome internacional, nomeadamente Chefes de Estado e de Governo, que apoiaram a luta de libertação nacional do Povo moçambicano.

Os escultores são Gaspar Achulale, hoje com o posto de Capitão das Forças Armadas e a viver em Boane, Tomé Macidane, de 54 anos, residente em Mocuba, Casimiro Moilanga, de 49 anos, residente na Beira, e Hilário Massasse, de 40 anos, residente em Pemba. Os quatro artistas são naturais do Planalto de Muêda.

Nos últimos tempos, dos quatro escultores apenas Tomé Macidane manteve-se ligado à actividade artística, reunindo consigo em Mocuba cerca de três dezenas de jovens, a quem lhes transmite os seus conhecimentos. Porém, a iniciativa enfrenta dificuldades sérias, particularmente económicas e financeiras.

Escultura Maconde, lembrou-se dos referidos artistas. A expensas da Presidência da República, os quatro escultores visitaram a Tanzânia, onde se encontraram com as comunidades moçambicanas ali residentes.

Visitaram a aerogare do Aeroporto Internacional de Dar-es-Salaam, onde puderam apreciar as magníficas obras do falecido artista moçambicano Pajuma, a quem renderam homenagem, depositando uma coroa de flores na sua campa. Também visitaram hotéis e outros locais onde estão expostas obras da Escultura Maconde.

As comunidades moçambicanas encarregaram os quatro escultores de fazer a entrega de duas ofertas ao Presidente Samora Machel: uma peça de Arte Maconde e um quadro do artista Lilanga, feito em 1980.

De regresso ao País, os quatro artistas prepararam algumas obras para oferecer ao Chefe do Estado e à sua esposa, Sra. Graça Machel, o que aconteceu ontem, an-

Nas pontas de marfim, podemos apreciar símbolos da guerra de libertação nacional, que também foi uma guerra para libertar a riqueza que hoje, independentes, queremos desenvolver para o bem-estar e progresso do povo.

Gaspar Achulale disse que tal obra, ao ser oferecida ao Presidente Samora Machel, fica em boas mãos porque, não sendo apenas vontade dos quatro artistas mas de todo o Povo moçambicano, foi o Chefe do Estado quem dirigiu a luta armada de libertação nacional e quem dirige os destinos da Nação independente e soberana.

Nas pontas de marfim, vê-se que o homem moçambicano é um indivíduo com génio, criador e que gosta de trabalhar. Porém, não é trabalhar dispersamente, de uma forma isolada, mas sim organizado: a força das aldeias comunais, que também vai fortalecer o trabalho dos artistas.

A obra recua no tempo, para o período antes da colonização, e



Gaspar Achulale entrega a Samora Machel um leão esculpido em marfim, símbolo do poder, na presença de Tomé Macidane, vendendo-se ainda a obra feita pelos quatro escultores em marfim e pau-preto